

AS FACES OCULTAS EM LAILA E O LOBO, DE EMILY NASRALLAH

THE HIDDEN FACES IN LAILA AND THE WOLF, BY EMILY NASRALLAH

Thariq Mohamede Osman¹

Resumo: Emily Nasrallah foi uma escritora libanesa de destaque, conhecida por sua habilidade em retratar questões sociais e culturais no Líbano. Seu estilo de escrita é caracterizado por uma linguagem simples, porém rica em metáforas e simbolismos, explorando emoções profundas e temas como as dificuldades das mulheres, a vida no vilarejo, a guerra e a busca por identidade. Em seu conto “Laila e o Lobo”, da antologia *Noites Ciganas* (1998), Nasrallah recria a famosa história de “Chapeuzinho Vermelho”, de Perrault, usando o lobo como uma metáfora para os desafios e perigos enfrentados pela protagonista em uma sociedade patriarcal. Através dessa alegoria, a autora aborda temas como a inocência perdida, a resistência contra as normas opressivas e a luta pela autonomia feminina. O conto revela o talento de Nasrallah em transformar histórias tradicionais em reflexões sobre as tensões sociais e as complexidades da experiência humana e do contexto sociopolítico.

Palavras-chave: Literatura árabe; literatura libanesa; Emily Nasrallah; Laila e o Lobo

Abstract: Emily Nasrallah was a prominent Lebanese writer, known for her ability to depict social and cultural issues in Lebanon. Her writing style is characterized by simple language, yet rich in metaphors and symbolism, exploring deep emotions and themes such as the struggles of women, village life, war, and the search for identity. In her short story *Laila and the Wolf*, from the anthology *Gypsy Nights* (1998), Nasrallah reimagines the famous “Little Red Riding Hood” tale by Perrault, using the wolf as a metaphor for the challenges and dangers faced by the protagonist in a patriarchal society. Through this allegory, the author addresses themes such as lost innocence, resistance against oppressive norms, and the fight for female autonomy. The story reveals Nasrallah’s talent for transforming traditional tales into reflections on social tensions, the complexities of human experience, and the sociopolitical context.

Keywords: Arabic literature; lebanese literature; Emily Nasrallah; Laila and the Wolf

ECOS NA MONTANHA: A ESCRITORA DO JABAL AL-CHAIK

Não falta reconhecimento e condecoração para mostrar que Emily Nasrallah foi essencial não só para a literatura nacional mas também universal, devido a singularidade de uma voz feminina que emerge do Jabal Al-Cheikh ecoando em sua escrita o Líbano, desde a vida libanesa, passando pela paisagem e desaguando na tragédia que fora a Guerra Civil (1975-1990).

1 Graduado em Letras (Português e Árabe) pela FFLCH-USP. Membro do grupo TARJAMA- CNPQ. Assina a tradução de dois livros infantis: *A menina lilás*, de Ibtisam Barakat e *Dantela*, de Mona Kamel, ambos publicados pela editora Tabla. ORCID: 0009-0002-4371-4858. ID Lattes: 3265380622644940. Email: thariq.osman@usp.br

Emily Daoud Abi Rached (1931-2018), de nome artístico Emily Nasrallah, nasceu em Kawkaba, no Sul do Líbano, durante o Mandato Francês (1920-1946), período de nova configuração da administração local, após a queda do Império Turco-Otomano e sua repartição entre França e Inglaterra com o Acordo Sykes-Picot.

Foi criada em Kfair, um vilarejo do Monte Hermon (Jabal Al-Chaikh). Era a mais velha dos filhos e ajudava os pais na lavoura, o que contextualiza suas referências bucólicas na literatura. Demonstrou interesse precoce pelos estudos e ingressou no colégio público do vilarejo antes do tempo ideal. Devido às limitações do vilarejo e da família, completou os estudos em cidades maiores, com ajuda de parentes na diáspora. Ayub Abu Nasr, membro da Arabita Al-Qalamiyyah, incentivou-a na escrita de ensaios ao Jabal Al-Cheikh após retornar dos EUA. Outro importante mentor foi um tio materno, residente nos EUA, que financiou seus estudos secundários e superiores. Concluiu o ensino secundário no Shoueifat National College, perto de Beirute, e se formou em Artes (1956) pela Lebanese American University e em Letras (1958) pela American University of Beirut, apesar da falta de apoio familiar para o ensino superior (COOKE, 1988).

Em 1957, casou-se com Philip Nasrallah, com quem teve 4 filhos. Durante o casamento, desenvolveu uma vasta produção literária em diversos gêneros e temas, recebendo várias condecorações nacionais e internacionais, como Laureate Best Novel Award (1962), Prêmio Said Akl (1962 e 2002), Prêmio Friends of the Books (1962), Prêmio Fairuz Magazine (s/d), Prêmio Khalil Gibran (s/d, Austrália), LIBBY Children's Book Prize (1998), IBBY Honour List for Children's Novel (1998), Prêmio Hanna Wakim (2014), Medalha Goethe (2017, Alemanha) e Medalha de Honra do Cedro (2018, Líbano).

Nasrallah teve duas etapas como escritora, uma inicial no campo do jornalismo e uma seguinte no campo da literatura. Como colunista, escreveu vários artigos para os jornais libaneses Al-Sayyad e Al-Anwar. Quanto à carreira literária, Nasrallah preferiu a prosa, escrevendo contos e romances e, além do mais, escreveu alguns livros de literatura infantil e não-ficção. Dos romances, destacam-se: *Pássaros de Setembro* (*Tuyur Aylul*), seu primeiro romance de 1962; *Aquelas lembranças* (*Tilka Adhikrayat*), de 1980; e *A brasa ador-mecida* (*Ajamr Al-Ghafi*), de 1995. Entre as coletâneas de contos estão *A mulher em dezessete contos* (*Al-Mar'a fi Saba't 'Achar Qissa*), de 1984; *O moinho perdido* (*Atahuna Ada'i'a*) e *Da colheita dos dias* (*Min Hassad Al-Ayyam*), 2012; e *Noites Ciganas* (*Al-Layali Al-Ghajariyyah*), 1998, da qual o conto aqui traduzido pertence.

Nesse conto, vale ressaltar que o estilo de escrita da autora é uma mescla de todos os momentos literários pelo qual ela perpassou, desde o tom naturalista e existencialista, até o tom experimentalista típico do pós-guerra. Aqui, apesar da base ser a história infantil de Perrault e dos Irmãos Grimm, não possui tom infantil algum, como a maioria dessas histórias "infantis" que/as quais Vladimir Propp problematizara. Há uma crítica à figura da mulher, à insegurança no pós-guerra, à sexualidade e ao assédio. Apesar da construção

■ traduções e perspectivas literárias

do conto ter um espaço literário próprio do campo, do aprazível, a figura do lobo e as suas falas podem ser alusivas à fala de um assediador. Por outro lado, a confiança da protagonista na figura do lobo e sua descrença nas atenções diversas que a mãe sempre lhe lançara, sugerem que seja uma suave alusão ao contexto histórico libanês, em que se pairava uma nova ideologia carismática no sentido de convencimento em massa, no que tange a ascensão de certos movimentos político religiosos. O estilo ora suave, ora exagerado, de trazer o Líbano à tona é marcado de acordo com o cenário político e histórico que configurou a vida do povo libanês e do mundo árabe como tal, assunto do qual nos deteremos abaixo.

MARCAS DE UM PASSADO: O SÉCULO XX

Para analisar a produção literária da escritora aqui estudada, cobrindo as décadas de 60 a 90, consideremos três grandes momentos chave para compreender tanto a história local quanto sua influência na historiografia literária desse período: a questão Palestina e o nacionalismo árabe, a Guerra Civil Libanesa e o Pós-Guerra.

O século XX no mundo árabe, especialmente na segunda metade, foi marcado por uma história trágica, caótica e dolorosa, que influenciou tanto a política local quanto o modo de vida das pessoas. Entretanto, toda essa história está articulada com duas décadas anteriores, isto é, antecedentes que corroboraram para esse cenário da segunda metade do século XX, dentre esses, a independência de alguns países e a colonização de outros pela entidade sionista em 1948, resultando na Nakba, um evento catastrófico que deslocou cerca de 700 mil palestinos e marcou o início do expansionismo de Israel.

A partir disso, um sistema colonialista foi estabelecido, alimentado por apoio ocidental. A Crise do Suez em 1956 destacou tensões regionais envolvendo Israel, França, Inglaterra e o Egito de Nasser. Essas reconfigurações impactaram o Líbano, especialmente na década de 1960, com a chegada de palestinos ao sul e conflitos entre o exército libanês e a Organização para Libertação da Palestina, precedendo a Guerra Civil Libanesa. A Guerra Civil Libanesa começou em 1975 e terminou em 1990 com os Acordos de Taif, que buscavam reestruturar o sistema político.

Durante o conflito, o Líbano sofreu invasões sírias e israelenses, além da destruição de Beirute, que impactou profundamente a literatura local, focando em temas como trauma, memória e saudosismo. No pós-guerra, o país enfrentou desafios de reconstrução, divisões sectárias e conflitos contínuos devido à influência síria e ao expansionismo de Israel. Apesar dos esforços de Rafic Hariri para revitalizar a economia, a instabilidade persistiu.

UMA CANETA NOVA PARA ESCREVER A LITERATURA

A literatura árabe moderna, ao longo do século XX, foi profundamente influenciada pelos grandes eventos sociopolíticos e culturais que moldaram a região, dentre eles: Nakba (1948),

Revolução Egípcia (1952), Naksa (1967) e a Guerra Civil Libanesa (1975-1990). Esses eventos não só influenciaram a história mas também a memória e o modo de vida do ser social do século XX, desse modo, são esses fatores que delimitam ou circundam boa parte da literatura desse momento. A partir do trabalho de Isabella D' Afflito (2010), embora um estudo não delimitativo, traçamos livremente a seguinte divisão da história da prosa árabe moderna: geração de 50: prosa realista-naturalista; de 60: prosa existencialista; de 70: romance de guerra; de 80: romance de guerra e de 90: romance experimental ou romance do pós-guerra.

Essas cinco décadas foram marcadas por uma tríade inicial de três localidades: “o Egito escreve, o Líbano publica, e o Iraque lê”. Apesar do Líbano ser indicado nesse slogan como o país da imprensa e da edição, a literatura dos escritores libaneses estava articulada a um movimento de renovação da literatura.

Durante as décadas de 50 e 60, a prosa no Líbano foi marcada por uma fase realista-naturalista, cuja base era o realismo russo, o naturalismo francês e o realismo mahfuziano, no Egito. Essa literatura estava articulada à história, ou seja, ao mundo árabe pós-Nakba e ao Egito nasserista. Essa prosa tinha o intuito de expressar a realidade com realismo, cientificismo e objetivismo. Além disso, essa fase foi representada pela alegoria, pelo resgate à história e pelo modo de vida do sujeito árabe moderno, temas resgatados da literatura realista de Naguib Mahfouz, quando escreveu a Trilogia do Cairo (1956-1957).

Seguida dessa fase, a prosa libanesa de 60 adentrou-se à fase existencialista, sobretudo com Suhail Idriss, cuja base era a filosofia de Sartre, e estava marcada por uma intensa reflexão sobre a condição humana, as angústias existenciais e a busca por significado em um contexto de grandes mudanças sociais e políticas. É nesse momento, mais especificamente em 1962, que a figura de Emily Nasrallah ganha reconhecimento na literatura libanesa ou árabe como um todo, através de uma obra denominada *As Aves de Setembro* (*Tuyur Aylul*). Essa obra é um retrato sensível e melancólico da vida na aldeia libanesa, explorando a ligação entre o ciclo das estações e as emoções humanas. Através da migração das aves, que simbolizam a passagem do tempo e o início do inverno, a autora aborda temas como a saudade, o abandono e a espera, capturando as complexidades da vida cotidiana e das relações interpessoais. O romance se destaca não apenas pela riqueza de suas imagens poéticas e pela profundidade psicológica dos personagens, mas também por sua análise social das tradições e da cultura da aldeia libanesa, oferecendo uma visão realista e humanista das dificuldades e aspirações da vida rural. A obra se torna, assim, uma importante contribuição para a literatura árabe, pois combina elementos de realidade social com uma introspecção emocional profunda.

Em seguida, com a geração de 70, marcada pela turbulência da Guerra Civil, a prosa foi representada sobretudo pelo “romance de guerra”, quer dizer, visara representar os principais conflitos que balançaram e desestruturaram o mundo árabe, como a Nakba, a Guerra de 67 e a Guerra Civil Libanesa. Essa geração estava desiludida, sem crer na ideia

projetada pelo nacionalismo árabe pré-derrota contra Israel em 1967. No Líbano, essa geração de escritores, dentre eles Hanan El-Cheikh e Emily Nasrallah, foi denominada por Miriam Cooke como “Beirut Descentralists”, entendendo-se por “descentralistas” o fator físico, devido à dispersão pela cidade em ruínas, e o fator intelectual, em razão da vida em esferas separadas. De acordo com Danusa Čižmíková (2012 página 146), a expressão literária específica dos descentralistas de Beirute foi cultivada no isolamento uns dos outros, contra o pano de fundo da guerra como sua experiência compartilhada. Seus escritos se concentraram em aspectos da guerra que não eram dominantes nas obras escritas por homens. Assim, estratégias ou ideologias tinham pouca importância para elas como escritoras criativas, pois tentavam evitar retratar qualquer coisa além da banalidade da guerra, que para elas se tornara um fato da vida. Como contraste da geração de 70, os escritores de 80 também se preocuparam em escrever a guerra, no entanto, distinguiram-se na ótica. A ótica dessa geração era o modo de vida do indivíduo durante a guerra, quer dizer, como o sujeito lida com a realidade, com a turbulência e com o embate entre o real e o irreal.

Nasrallah como exemplo dessa distinção entre as gerações de 70 e 80, tem duas obras importantes que retratam a guerra, porém com duas percepções distintas. *O moinho perdido* (*Atahuna Ada'í'a*), uma coletânea de contos da década de 70 que explora a realidade da Guerra Civil com os destroços e o conflito de perto, enquanto *O voo contra o tempo* (*Al-'Iqla' 'Aks Azaman*), datada na década de 80, explora a guerra, no entanto, na perspectiva de como lidar com a guerra, nesse caso, a crítica está na emigração como alternativa de vida, mas que enfraquece o estado de espírito do indivíduo em exílio.

Por fim, com o pós-guerra, a fase do romance experimental no Líbano marcou uma etapa de reconstrução, não só no quesito físico, mas emocional. Esse tipo de literatura reflete a busca por uma nova identidade e a tentativa de reconstrução das cicatrizes deixadas pelo conflito, além de lidar com a fragmentação da realidade e a complexidade de uma sociedade marcada pela violência e pelo sectarismo. Os escritores dessa geração procuraram entender e representar as experiências pessoais e coletivas da guerra, frequentemente abordando temas como o exílio, o trauma, a memória e a reconstrução da identidade nacional.

Primeiro nome Cooke (1987, p. 3-4) ainda destaca como o foco da produção literária do Líbano mudou das experiências urbanas centrais para as periferias do país, especialmente nas áreas rurais. Essa mudança reflete a transformação mais ampla na compreensão da identidade libanesa: o rural, antes considerado periférico, agora carrega a narrativa do “Líbano desconhecido”, enraizado na terra e na memória coletiva formada por essa conexão.

VIVA A DIGLOSSIA: UM DIALETO PARA ESCREVER O INTERIOR

A expressão linguística árabe se dava por meio de dois códigos: o árabe *fusha*, baseado na gramática corânica, e os dialetos (*lahjat*), que refletem identidades regionais e pessoais. Essa diferença influenciou a literatura ao longo do tempo, com poetas e escritores

■ traduções e perspectivas literárias

utilizando dialetos para expressar intimismo, identidade ou crítica, desafiando a tradição conservadora do árabe clássico. Autores como Salah Chahin, Said Aql, Naguib Mahfouz e outros incorporaram dialetos em suas obras para criar realismo e destacar características sociais e culturais. O uso de dialetos gerou debates sobre a preservação do árabe clássico versus a democratização e modernização da literatura.

A inserção do dialeto no romance da literatura árabe moderna reflete a diversidade linguística e representa uma ruptura com a tradição do árabe clássico, a língua da literatura presa à religião. Autores como Naguib Mahfouz, Rachid Al-Daif, Tawfiq Hakim incorporaram os dialetos locais em suas obras, especialmente nas falas dos personagens, para criar um maior realismo e uma conexão mais direta com as experiências cotidianas das pessoas, em particular para destacar a classe social, o modo de vida e o local de origem da personagem. Esse uso do dialeto, além de conferir autenticidade aos diálogos, também pode ser interpretado como uma forma de resistência cultural e política, afirmando a identidade local e desafiando a linguagem literária tradicional. Ao mesmo tempo, essa inovação gerou debates sobre a preservação da pureza da língua árabe, com alguns críticos defendendo a manutenção do árabe clássico como o único meio de expressão literária legítima, enquanto outros viam na introdução do dialeto uma forma de democratizar e modernizar a literatura, tornando-a mais acessível ao público geral.

No caso da escritora aqui estudada, o uso do dialeto possui um lugar especial em sua literatura como um todo. Nasrallah usa o dialeto como recurso afetivo, intimista e aproximativo, trazendo à tona um espaço e um tempo durante o qual passou sua vida no interior libanês. Tratar do interior libanês não é fácil de expor suas características, seja para o residente seja para o leitor estrangeiro. A vida no interior se resume numa palavra em árabe, “*ad-day’a*”. Viver em *ad-day’a* é viver num modo de vida único, um *modus operandi* próprio, uma realidade própria.

No conto “Laila e o Lobo”, o dialeto de *ad-day’a* é valorizado através da cantiga, ou seja, das melodias feitas para as crianças e transmitida de geração em geração, adaptando-se de família para família. As cantigas ali retratadas são populares em várias regiões do Líbano, e foram ainda mais valorizadas e disseminadas após serem cantadas pela cantora Fairuz, num filme do cinema libanês.

LAILA E O LOBO²

A mãe de Laila lhe deu um conselho desde o primeiro passo de sua jornada. Seu conselho era ter cuidado com o lobo. Na verdade, os conselhos remontam muito antes desse momento. Vinham de quando Laila ainda estava no berço, e sua mãe cantava as mais agradáveis melodias para fazê-la adormecer, ninando e fazendo-a cair em doces sonhos.

2 Traduzido do árabe por Thariq Mohamede Osman e revisado por Matheus Menezes.

■ traduções e perspectivas literárias

Entre uma melodia e outra, a mãe introduzia palavras novas e expressões entre parêntesis, como: (Os lobos costumam se esconder nas florestas. Te surpreende a cada curva. Às vezes o lobo tem rosto de raposa, às vezes rosto de príncipe). Laila, nunca se engane com isso. Você deve reconhecê-lo imediatamente e desviar de seu caminho.

**Durma, minha filhinha,
e da pena do avestruz
te faço uma caminha**

Laila, ao vê-lo vindo de um lugar desconhecido, andando sobre duas pernas, ao invés de quatro, tenha certeza de que esse é o lobo, mas de máscara nova.

**Durma, durma, repouse já
Uma pombinha eu vou matar
Pombinhas não tenham medo
É uma brincadeira pra Laila repousar**

Tem vez que ele vai vir disfarçado sobre todos os rostos familiares. Ele vai se aproximar de você, gentilmente e, quando se aproxima, diz olá. Ele te faz ouvir palavras doces como o mel. Tenha cuidado com ele. Se ele falar: você é bonita. Essa será a primeira isca. Se ele te convidar para acompanhá-lo, o perigo vai começar a ameaçar sua vida.

Ele pode andar com você alguns passos nos lugares ermos, mas ele certamente a levará à sua gruta, e lá, minha filha, não se sabe o que pode acontecer.

**Tik, tik, tik, ya Emm-Sleiman
Tik, tik, tik, seu marido onde tá
Tik, tik, tik, no campo ali
Pegando ameixa e romã**

(Minha filhota, às vezes ele vai além da floresta. Ele caminha contigo até onde você desejar, te oferecendo seus favores, dizendo:

Eu carrego a cesta pra você. Eu te mostro o caminho, pois temo que você se perca.

Ele acrescenta:

Você é pequena, inexperiente, o mundo é vasto e os caminhos estão cheios de perigo. Eu te acompanho, ele diz, serei seu apoio. Não acredite nele. Recuse tudo que ele promete, seja promessas ou favores. Se for possível, mude de caminho, siga um caminho diferente do dele).

Ó durma, Laila

Curta o sono bom

Ó venha as benesses

E dure um tempo bom

Às vezes, ele está escondido em uma floresta, num buraco ou numa caverna. Você talvez o veja parado no topo da colina, na encosta íngreme. Você pode achar que ele é o guardião das uvas, minha preciosa! Nunca se deixe enganar pela aparência dele. É o lobo que aparece em todos os caminhos, de todos os lugares ele vem, principalmente quando ele vê uma garota como você, bela, gentil e bondosa. Assim que o avistar, corra, não volte os olhos para onde ele está, e não olhe para trás de jeito nenhum. Mantenha o olhar firmemente para frente, na direção do destino da viagem, que é a casa da sua bondosa vó. Não pare para colher flores para ela. Eu conheço sua paixão pelas flores silvestres, Laila. Sei o quanto elas são encantadoras, especialmente nessa época do ano. Supere a sedução das flores, lembrando que os olhos do lobo nunca dormem e estão acompanhando seus movimentos de todos os lados, desde que o mundo é mundo. Portanto, você precisava redobrar a guarda e ter cautela. Não deixe a armadilha te pegar. Ah, quão enganador ele é, Laila. Quão inteligente e enganador ele é).

Ya hadi, ya madi

você que quebra pratos

quebra nozes, quebra amêndoas

para dar de comer para meus filhos

Laila está em sua total elegância. Seu chapéu vermelho adorna sua cabeça como uma flor de anêmona. Abaixo, veste um casaco de mesmo tom. Os sapatos, cuidadosamente amarrados. A cesta, pendurada em seu cotovelo. Os olhos abertos e sorridentes. Os ouvidos, bem atentos, para captar todas as palavras, entre as falas e as canções. Ela nunca retrucou à mãe, nem fazia nenhuma pergunta. Talvez ela quisesse ter perguntado, mas hesitou, e no momento seguinte esqueceu as perguntas e respostas, e continuou se lembrando de uma única coisa: o momento da partida. Ela está ansiosa para ver o rosto da vó, mas sua ansiedade pela aventura agora se intensificou. Sua mãe abriu todas as portas fechadas, tanto internas quanto externas, e a incentivou a seguir em frente.

Agora ela está no caminho, pulando com alegria. Ela canta em voz baixa. Os ecos de sua melodia ecoam com o gorjeio dos pássaros entre as árvores do bosque. Ela apressaria

■ traduções e perspectivas literárias

os passos e seguiria feito uma flecha até chegar no seu destino, exatamente como a mãe a instruiu. Assim como ela sonhou ontem à noite. Sua cesta estava cheia de rosquinhas e doces deliciosos, preparados pelas mãos de sua mãe. Ela encheu bem a barriga, deixando-a mais contente. Seguiu o caminho, pulando alegremente.

O caminho é sinuoso, passando no meio da floresta. Não há como evitá-la. As recomendações de sua mãe caminhavam junto a ela, ouvindo sua voz bem na frente misturada pelo ar: (Cuidado com o lobo, Laila. Esteja sempre atenta... e... o lobo vem de todos os cantos. Ele usa todos os tipos de rosto.)

O que a mãe dela fala?

Não existe lobos nesta floresta, onde os galhos do pinheiro e do carvalho se entrelaçam. Aqui moram os pássaros agradecidos. Eles gorjeiam glorificando o Criador. Do coração da floresta, ouvem-se os ecos de outras melodias, quando o vento sopra pelos caules da cana e dos bambus, compondo uma música celestial. Não... este é um lugar seguro, habitado de tranquilidade, beleza e melodias suaves, onde não há espaço para os lobos. Agora, ela está na metade do caminho. Seu caminho deu uma curva, ela avança na direção de planícies extensas, verdes e adornadas com flores de todas as cores. Essas são as flores silvestres familiares: ciclâmen, narciso, anêmona e jasmim-selvagem. As flores piscam para ela de forma sedutora. Uma delas, estica-se na altura do ouvido da menina e sussurra:

--- Me leve contigo.

Laila fica parada e a surpresa a deixa incomunicável: Uma flor, e fala! ...

--- O que você está dizendo?

Ela pergunta sem acreditar. A flor, aberta como um olho de misericórdia, repete seu pedido, parecendo uma súplica:

--- Me leve contigo. Faça de mim sua companheira. Estou entediada de viver nesse lugar parado.

Laila responde:

--- É estranho o que você diz, você não está sozinha aqui. Ao seu redor tem suas flores companheiras, e plantas de todo tipo. Além disso, tem a floresta e seus bons moradores. As brisas visitam você de todos os lados. Como é que pode esse mundo não ser agradável? As pétalas da flor se abriram em um semblante de leve sorriso e disse com tristeza:

--- Você não entende a vida das flores. Não posso tomar nenhuma decisão. Vontades me são impostas de todos os lados, e eu apenas as recebo. Sou incapaz de me mover, de sair do meu lugar. Veja como minhas raízes me ancoram nas profundezas da terra.

Laila olhou para baixo do caule e descobriu que o que a flor dizia era verdade. Então ela olhou para ela com um olhar cabisbaixo e disse:

- O que você falou está correto. Você não pode sair da sua conexão com a terra.

- Então me leve até você.

■ traduções e perspectivas literárias

A flor repetiu seu pedido, despertando um sentimento estranho no peito da menina, que a fez abaixar e cortar aquele delicado caule. Assim que ela fez isso, um som de trovão rugiu em seus ouvidos. Ela estremeceu de medo e deu dois passos para trás, antes de decidir o que fazer.

Mas a flor que tremia entre seus dedos a levou a decidir: Depressa, vamos fugir, antes que caia um toró. É uma tempestade com trovões se aproximando do oeste... Depressa.

- E quanto às suas amigas?

Perguntou Laila, com um sentimento de pena pelas tácitas flores, mas não teve nenhuma resposta de sua flor. Decidiu, então, procurar quem a acompanhasse. Ela continuou com seu salto gracioso e juntou algumas flores, formando um buquê do tamanho da palma de sua mão. Ela pensou que este poderia ser seu presente para a vovó. E esqueceu a cesta pendurada em seu cotovelo. O trovão estourou novamente. Laila olhou para o céu e viu nuvens cinzentas passando no ar, como se estivessem perseguindo os restos de um exército em retirada. Ela pensou que precisava chegar à casa da avó antes que o céu liberasse sua raiva. Então ela se voltou para as flores para tranquilizá-las:

-Daqui a pouco vamos chegar na casa da vovó, e lá vou acolhê-las num vaso de cristal e irrigar suas hastes com água limpa... E logo mais, chegaremos ao final da jornada.

A tempestade não deu trégua e continuou rasgando o céu. A água começou a fluir abundantemente, submergindo as planícies e as gramíneas, afogando o que restava das flores. A chuva pesada caía sobre a cabeça de Laila, que havia sido despojada quando o vento levou seu chapéu vermelho, lançando-o para longe de sua vista. A água intensa caiu sobre a cesta cheia de rosquinhas e doces, misturando nela formatos e cores. Foi isso que assustou a garota, fazendo-a correr rapidamente, na esperança de salvar o que ainda restava. Antes de chegar até a casa da avó, Laila ouviu dois passos, e percebeu que alguém a seguia. Ela se perguntou se a mãe teria mandado o filho do vizinho para ajudá-la. Ela se virou para chamá-lo e viu uma criatura como ela nunca tinha visto antes. Ele vestia um casaco cujas pontas arrastavam no chão e um chapéu preto que lhe cobria a cabeça, e que caía para cobrir as orelhas e parte do pescoço. Seus olhos estavam escondidos por óculos escuros que escondiam três quartos de seu rosto. Tremendo de medo, Laila decidiu perguntar a essa criatura estranha, quem era ele: É o lobo? Seu enviado? Seu inimigo? Ou...

Ele não deu tempo a ela, logo se aproximou com sua estatura altiva, sua voz gentil, exalando tentação e desejo. Com seus toques extremamente delicados, passou os dedos pelo rosto dela e sussurrou em tom de pergunta:

- Qual é seu nome, menina formosa e carinhosa!...

-Laila.

■ traduções e perspectivas literárias

Ela respondeu, mas não tinha certeza se havia cometido um erro ao revelar esse segredo. Ele não deu tempo para que ela ponderasse, e logo lhe atirou suas perguntas, como se fossem pancadas de granizo:

- De onde você veio? Aonde você está indo? Quem te comprou esse lindo casaco? Quem plantou em você esses olhos de narciso em seu rosto? Quem esculpiu esses lábios de mel, e esse nariz empinado acima deles. E seu cabelo, ó linda? Que caem nesses ombros que me lembram a espiga do trigo. De onde você tirou essa tamanha beleza?

Laila percebeu que estava diante de uma criatura que não se parecia com nenhuma das pessoas que conhecia.

Ela se perguntou:

- Seria ele o lobo?

Lembrou-se das palavras da mãe, dos avisos e das recomendações, mas o eco dessas palavras ficou longe de seu presente. Ela se deparou com uma situação que supera todas as expectativas e ela deve tomar uma decisão e enfrentar a realidade com coragem. Por isso ela ergueu a cabeça e perguntou:

- E você... quem é você? Qual seu nome?

- Abu-Kasseb

Laila ficou em silêncio porque a resposta a deixou confusa, então ela voltou a perguntar:

- Não perguntei o nome do seu filho, quero saber o seu nome, seu nome verdadeiro.

- Sim, esse é meu nome verdadeiro, mas alguns me chamam de Abu-Jaada. Você pode escolher o nome que mais te agradar.

Ela voltou a ficar em silêncio e perplexa. Sua mãe não lhe dissera como agir na etapa seguinte. Talvez ela não achasse que ele era tão esperto, a ponto de inventar nomes e usá-los como uma máscara para seu rosto. Ela pensou que a melhor forma de enfrentar essa situação era confrontá-lo com coragem, por isso ela ouviu seus lábios murmurarem:

- Eu não posso acreditar. Eu sei quem você é! Você é o lobo. Minha mãe me avisou sobre você: ela me falou sobre você antes de eu começar essa jornada.

Ele respondeu com astúcia:

- Não vou te contrariar. Escolha os nomes que desejar. O que mais me importa é que você é gentil, boa e bonita. Mas você não respondeu a minha pergunta: Onde você está indo?

- Para a casa da minha vó

- E sua vó, mora longe daqui?

■ traduções e perspectivas literárias

- Não... Ali é a casa dela, dentro daquele jardim.

Ela indicou ingenuamente, apontando o dedo para o local. Ele perguntou novamente:

- E sua vó, mora sozinha?

Sim. E eu estou indo para lhe fazer companhia. Estou levando uma cesta de rosquinhas e doces, e um buquê de flores silvestres.

Ele se aproximou dela e estendeu a mão até a cesta e enfiou-as em uma mistura mole:

- Não há mais rosquinhas, nem doces, veja? ...

Ele abriu a mão diante de seus olhos, mergulhada em um líquido viscoso, onde o doce estava misturado com as rosquinhas.

As lágrimas caíam de seus olhos, e disse:

- A culpa é da tempestade trovejante

Ele deu um tapinha em seu ombro para acalmá-la.

- A sua mãe não pensou na tempestade? Então me diga, como é que ela deixou você sair sozinha? Sendo a floresta habitada por lobos e feras predadoras?

Suas palavras a assustaram. Ela olhou de relance e não percebeu nenhum sinal de sarcasmo. Ele parecia sincero em suas palavras. Para reforçar sua sinceridade, ele estendeu seus dedos e enxugou suas lágrimas, e murmurou com ternura:

- Fique tranquila, eu ficarei com você e não vou te abandonar.

Ela sentiu um alívio correndo em suas veias, e estendeu sua mão para cumprimentar com quem falava, agradecê-lo e continuar seu caminho. No entanto, ele decidiu completar sua gentileza, acompanhando-a até o fim do caminho. Ele mostrou seu entusiasmo na prática, quando ele envolveu os braços nos ombros dela. Pedindo-lhe para vir para perto dele e disse para confiar nele.

Ela caminhou ao seu lado, deleitando-se com suas palavras doces e histórias especiais. Ela esqueceu o que sua mãe lhe dissera. Ao invés disso, as dúvidas começaram a surgir, ao pensar que sua mãe a havia enganado e plantado um medo infundado em seu peito. Como pôde assustá-la dessa forma, já que em uma floresta, há uma criatura como essa, tão dócil e gentil, suave ao toque e presente para protegê-la do perigo?

Como sua mãe poderia ignorar essas coisas sobre ele?

Antes de Laila chegar à casa da avó, ela já havia se familiarizado com seu companheiro de viagem e se sentiu à vontade com ele. Ela declarou revolta contra a sua mãe e contra seus ensinamentos antiquados, atirando-se sobre um círculo que o lobo traçou ao seu redor, cercando-a com uma barreira densa, que não permitia ver nada mais além de seu rosto.

E seu rosto, gradativamente, ficava fito no negrume dos olhos dela, transformando-se em um enviado da bondade, do amor e da beleza.

Ela pôs a cesta ao seu lado, jogou o buquê de flores ao chão encharcado pela chuva e se estendeu sobre um banco de pedra, descansando seu corpo de tanto andar. A névoa se espalhou ao seu redor, e logo a escuridão da noite envolveu o mundo, fechando-se as portas. Esperava-se que a pequena tremesse de medo ou tivesse dor na consciência, por ter se desviado do objetivo da jornada. Mas o lobo ficou perto dela, preenchendo todo o vazio com sua presença.

Enquanto a tempestade continuava sua revolta, varrendo a floresta e as planícies, quebrando galhos de árvores, a calma, a tranquilidade, a alegria e todos os elementos de segurança foram cobrindo Laila. Apagando em sua memória, pouco a pouco, os resquícios daqueles mandamentos de sua mãe, com o desencadear daquele novo dia.

ليلي والذئب

أوصتها أمها، منذ أن خطت خطواتها الأولى، على طريق الرحلة... أوصتها بأن تأخذ حذرًا من الذئب، بل إن الوصايا سبقت تلك اللحظة بزمان: أي حين كانت ليلي طفلة في المهد، وأمنها ترنم لها. أشجى الأنعام، لتغفو وتطبق جفنيها على أحلام ناعمة

وكانت الأم تدخل بين كل ترنيمة، وتالية لها، كلمات جديدة وعبارات معترضة ضمن قوسين مثل: (والذئب تختبئ، عادة، في الغابات تفاجئك عند كل منعطف أحياناً يرتدي الذئب وجه تعلب، أحياناً وجه أمير... يا ليلي لا يغرنك ذلك، عليك أن تعرفيه فوراً، وتحديدي من طريقه.

نامي، يابنتي، نامي، لافرش لك ريش نعامي...

(ويا ليلي: حين تصرينه، قادما من المجهول، سائرا على قائمتين، بدلا من أربع قوائم، تأكدي أنه هو داخل قناع جديد.)

ويا الله تنام، يا الله تنام،
لا ذبح لها طير الحمام
يا حمامات، لا تخافوا
بضحك عا ليلي تننام ...

(أحيانا يجي، متلبسا بكل الوجوه المألوفة. يقترب منك بلطف، يقترب ويلقي السلام يُسمعك كلامًا له مذاق العسل احذريه.)

إذا قال: أنت جميلة، يكون هذا الطعم الأول. إذا دعاك إلى مرافقته يبدأ الخطر يهدد حياتك قد يسير منك خطوات في الفلاة، لكنه لابد من أن يجرك إلى مغارته، وهناك يا ابنتي، من بدري ماذا يحدث؟

تك، تك، تك
يا أم سليمان،
تك، تك، تك
زوجك وين كان؟
تك، تك، تك
كان بالحقله،
عم يقطف خوخ ورماني.

(ويا بنية! أحيانا يتجاوز الغابة. يسير معك على هواك، يعرض خدماته، يقول: أحمل السلة عنك أرشدك إلى السبيل. أخشى عليك من الضياع. يقول لك: أنت صغيرة، عديمة الخبرة، والعالم شاسع، والدروب محفوفة بالخطر...، أرافك،

يقول: أكون عكازك، لا تصدقيه، وارفضي كل ما يقدمه لك من وعود وخدمات وإذا أمكن، بدلي الطريق، واسلكي دربا غير دربه...)

يا الله تنام ليلي،
يا الله تحب النوم!
يا الله تجيها العوافي
وتظل دوم الدوم..

(ويكون في بعض الأحيان، مختبئا في غابة، في حفرة أو في كهف؛ ربما تبصرينه واقفا فوق قمة التل، عند انحدار الشير. تحسبينه ناطور الكروم يا غالية...! لا يخدعك المظهر الخارجي. إنه الذئب، يأتي من كل الطرق؛ من كل الأماكن يجيء. خصوصا حين يبصر فتاة مثلك، لها هذا الجمال، واللفظ، والطيبة، حالما تبصرينه، سارعي خطاك، ولا تلتفت عينك إلى حيث يكون، ولا تنتظري مرة إلى الوراء. أبقي بصرك مشدودا إلى الأمام، باتجاه غاية الرحلة بيت جدتك الطيبة... ولا تتوقفي لتقطعي لها الزهور. أعرف ولعك بزهور البراري. أعرف مدى اغرائها، خصوصا في هذا الوقت من السنة. تجاوزي إغراء الزهور، ذاكرة أن عين الذئب لا تنام، وهي ترصد حركاتك من كل الجهات، ومنذ ما قبل التاريخ. لذا، كان عليك أن تضاعفي يقظتك وحذرك. ولا تدعي الحيلة تتطلي عليك. اه، كم هو محتال، يا ليلي. كم هو ذكي، ومحتال.)

يا حادي، يا مادي،
يا كسار الزبادي،
كرر جوز وفقى لوز
واطعمها لاولادي

ليلى في اتم أناقتها.
فتبعها الحمراء تتوج رأسها، مثل زهرة <برقوق>، عملاقة. وتحتها المعطف من اللون نفسه والحداء المربوط بتآن.
والسلة معلقة في كوعها. وعيناها منفتحتان، وشفاتها منفرجتان. كذلك أبقت قنوات
السمع مفتوحة لتستوعب كل الكلام، وما بين الكلام والأنغام

لم ترد مرة على أمها، لم تطرح سؤالا ربما شاعت تطرح سؤالا، وأحجمت، وفي اللحظة التالية نسيبت الأسئلة والأجوبة وظلت متذكرة شيئا واحدا: لحظة الانطلاق إنها مشتاقة كثيرا إلى رؤية وجه جدتها لكن شوقها تضاعف، الآن، إلى المغامرة. أمها فتحت لها كل الأبواب الموصدة، في الداخل والخارج، ودعتها إلى المسير.

وهي الآن في الطريق، تقفز مرحلة، تنشد بصوت خافت، تتصادم أصدااء نغمها مع زقزقة العصافير، فوق أشجار البستان، سوف تسارع خطاها، وتنتطق، كالسهم إلى الهدف. تماما، مثلما أوصتها أمها. مثلما حلمت طوال الليلة الفائتة.
سلتها مملوءة بالكعك، والحلوى اللذيذة، من إعداد يدي أمها، وقد ملأت بطنها جيذا، فزادت فرحتها. وتابعت سيرها، قفزا مرحا.

وطريقها لولبي، يمر وسط الغالة. ليس في الإمكان تجنب ذلك وصايا أمها تنمشی تحت جلدها، ويسبقها الصوت ممتزجا بذرات الأثير:
-- احذري الذئب يا ليلي. كوني يقظة أبدا.

والذئب يأتي، من كل الجهات ويرتدي شتى الوجوه، ماذا
تقول أمها؟

لا ذئاب في هذه الغابة، حيث تعانق أغصان شجر الشربين
والسنديان.

هنا، تقيم العصافير اللطيفة. ترسل زقزقاتها فتمجد الخالق. ومن قلب الغاب تسمع أصدااء موسيقية من نوع آخر، حين
ترطم الرياح،

بسيقان القصب والغزار، فتؤلف موسيقى سماوية.
لا هذا المكان الآمن، مأهول بالوداعة والجمال والنغم العذب
ولا مكان فيه الذئاب.

وهي الآن في منتصف الطريق. انعطف بها دربها، وتقدمت صوب
السهول المنبسطة خضراء ترصع صدرها الأزهار من كل لون هذه أزهار البرية المألوفة: السكوكع، والنرجس،
شقائقي النعمان والياسمين البري.
وتغمرها أعين الزهر بإغراء. وترفع إحداها الرأس، ليصبح في
مستوى سمع الفتاة وتهمس في أذنها:
-- خديني معك.
تتوقف ليلي والدهشة تعقل لسانها: زهرة، وتتكلم...!
-- ماذا تقولين؟

تسألها، غير مصدقة فتكرّر الزهرة، المنفتحة كعين الرحمة: تكرّر طلبها بما يشبه الابتهاال
--خديني معك اجعليني رفيقة دربك. سئمت الإقامة وسط هذا
المكان الجامد.
وترد ليلي:

-- عجيب كلامك لست وحدك هنا وحولك رفيقاتك الأزهار والنبات من كل صنف. تم هناك العالم ممتعاً؟ ... وافترت
بتلات الزهرة عن شبه ابتسامة وقالت بأسى:
-- انت لا تفهمين حياة الزهور. لا يمكنني أن اتخذ أي قرار تملئ علي الارادات من كل صوب ، واتلقى وانا عاجزة
عن الانتقال عن التحرك من مكاني الى موقع آخر. انظري كيف تثبتني جذوري في اعماق التراب
انحدرت ليلي بنظرها حتى أسفل الجذع، واكتشفت ان ما قالته الزهرة صحيح. لذا رفعت اليها عينين منكسرتين،
وقالت.
--كلامك صحيح. لا يمكنك الخروج من ارتباطك بالتراب.

--اذن ، خديني اليك...
كررت الزهرة طلبها، فأثارت في صدر الفتاة شعورا غريباً، جعلها تتحني وتقطع الساق الدقيقة... وما ان فعلت ذلك
حتى هدر في اذنيها صوت الرعد. ارتجفت خوفا وتراجعت خطوتين الى الوراء، قبل أن تقرر ماذا عليها ان تفعل.
لكن الزهرة المنتفضة بين اصابعها دفعتها الى اتخاذ القرار: أسرع، لنهرب، قبل أن ينهمر المطر انها عاصفة
رعديّة مقبلة من الجهة الغربية أسرع.
وماذا عن رفيقاتك؟
سألت ليلي، وقد خالجه شعور بالشفقة على الزهرات الصامتات.

ولم تسمع من زهرتها أي جواب فقررت أن تطوف بنفسها، لتبحث
عن تريد مرافقتها.
وهكذا تابعت قفزها الرشيق، وجمعت بضع زهرات، جعلتها باقة بحجم راحة يدها
وفكرت في أن هذه ستكون هديتها للجدة ونسيت السلة
المعلقة بكوعها.

تفجر الرعد من جديد.
رفعت ليلي نظرها إلى الفضاء، فأبصرت الغيوم الرمادية، تتسابق
في الجو، وكأنها تلاحق فلول جيش فاز. وفكرت في أن عليها أن تصل إلى دار الجدة قبل أن تُفرغ السماء غضبها.

ثم التفتت إلى الزهرات تطمننهن:
-- بعد قليل نبلغ بيت الجدة وهناك، أضعكن في زهرية من بلور
وأروي سيقانكن بالماء النظيف... بعد قليل، نبلغ نهاية الرحلة

لكن العاصفة لم تمهل، وظلت تشقق صدر الفضاء. وراحت المياه تتدفق بغزارة، فتغمر السهول والحشائش، وتغرق
ما بقي من الأزهار.
وانهمرت المياه الغزيرة فوق رأس ليلي، وكانت العاصفة قد عرته، حين انتزعت القبة الحمراء، وقذفتها بعيدا عن
مدى الرؤية وانهمر
المطر فوق السلة المملوءة بالكعك والحلوى، فاختلطت فيها الأشكال والألوان.
وهذا ما أخاف الفتاة، ودفعها إلى الجري بسرعة، لعلها تنقذ
ما تبقى

قبل أن تبلغ دار جدتها، سمعت ليلي وقع قدمين، فعلمت أن هناك من يتعقبها وتساءلت إذا كانت أمها قد أرسلت ابن
الجيران، ليساعدها

التفتت إلى الورا لتناديه، فأبصرت مخلوقاً، لم تقع عينها على شبيه له من قبل؛ كان يرتدي معطفاً تكنس أطرافه الأرض، ويعتمر

قبعة سوداء تغمر رأسه، لتغطي أذنيه، وجزءاً من عنقه. وقد حجب عينيه بنظارتين سوداوين، تخفيان ثلاثة أرباع وجهه

ارتعدت فرقا. وشاءت أن تسأل هذا المخلوق العجيب، من يكون؟ وهل هو الذنب، أم رسوله؟ أم عدوه؟ أم.

لم يترك لها الفرصة، اقترب بقامته الشامخة بصوته اللطيف، الناضح إغراء وشهوة، ويلمساته الناعمة، الناعمة، مرور أصابعه فوق وجهها وهمس سؤاله:

- ما اسمك، أيتها اللطيفة الجميلة ...

- ليلي

. قالت، وهي غير واثقة إذا كانت قد ارتكبت خطأ بإقشاء هذا السر لكنه لم يعطها الفرصة، كي تحاسب ضميرها، راح يطرح أسئلته يرشقها بها كزخات البرد:

من أين جئت؟ وإلى أين تذهبين؟ من اشتري لك هذا المعطف الجميل؟ من غرس في وجهك هاتين العينين النرجسيتين، ومن حفر في وجهك هذا الفم العسلي، ثم غرس فوقه الأنف الأشم؟ وشعرك، يا جميلة! هذا المتهدل على كتفك كسنايل القمح من أين جئت بهذا الجمال كله؟

أدركت ليلي، بأنها أمام مخلوق لا يشبه أحداً من الأشخاص الذين عرفتهم في محيطها وتساءلت:

- أو يكون هذا الذنب؟

وتذكرت كلام أمها، وتحذيرها، وتوصياتها، لكن صدى الكلام ظل بعيداً عن حاضرها إنها أمام وضع يتعدى كل التوقعات، وعليها أن تتخذ القرار، وتواجه الواقع بشجاعة. لذا رفعت رأسها وأطلقت السؤال "وأنت من تكون؟ ما هو اسمك؟

- أبو كاسب؟ صممت ليلي، وقد أربكها الجواب، ثم عادت تقول: لم أسأل عن اسم ابنك. أريد أن أعرف اسمك أنت؟ الاسم الحقيقي.

- نعم، هذا هو اسمي الحقيقي والبعض يدعوني أبو جعدة يمكنك أن تختاري منهما الاسم الذي يعجبك.

عادت إلى صمتها وارتباكها. أمها لم تخبرها كيف تتصرف في الخطوة التالية. ربما لم تحسبه ذكياً إلى هذا الحد، يخترع الأسماء، ويرتديها مثلما يرتدي قناع وجهه وفكرت بأن أفضل وسيلة تعتمد عليها هي المواجهة الشجاعة، لذا سمعت شفتيها تتمتمان:

- لا أصدق أعرفك من تكون أنت الذنب. أمي أخبرتني أنك قبل أن أبدأ الرحلة.

قال محتالاً: لن أعارضك اختاري من الأسماء ما يروقك ذلك لا يهم ما دمت، لطيفة، طيبة، وجميلة. لكنك لم تردي على سؤالي: إلى أين أنت ذاهبة؟

- إلى دار جدتي.

- وجدتك، هل تقيم بعيداً من هنا؟ -

- كلا... هناك منزلها، داخل تلك الحديقة. ومدت أصبعها بسذاجة، تشير إلى المكان. وعاد يسألها

- وجدتك تقيم وحدها؟

-نعم. وأنا ذاهبة كي أسلبها. أحمل إليها سلة كعك وحلوى وباقة ازهار برية.

اقترب منها أكثر، ومد يده إلى السلة، فغاصت في مزيج رخو:

-لم يعد هناك كعك، ولا حلوى، انظري؟...

فتح أمام عينيها يده المغمسة بالسائل اللدني، حيث اختلطت الحلوى بالكعك.

انهمرت الدموع من عينيها وقالت:

- الحق على العاصفة الراحدة ...

ربت على كتفها محاولاً إعادة الهدوء إلى نفسها:

- أما لم تحسب حساب العاصفة ... ثم تولي: كيف تركتك تخرجين وحدك؟ ...والغابة مسكونة بالذئاب والوحوش المفترسة؟

جفلتها كلماته. ونظرت بطرف عينيها، فلم تلمح أية علامة من علامات السخرية. بدا مخلصاً في كلامه. ولكي يؤكد إخلاصه، مدّ أنامله وراح يمسح دموعها ويتمم بحنان:

- اطمئني، سأبقى معك، ولن أتركك.

شعرت بارتياح يتمشى في عروقها. ومدت يدها، كي تصافح يد محدثها، وتشكره، ثم تتابع مسيرها لكنه تطوع بإتمام معرفته، ومرافقتها حتى نهاية الطريق. ثم عبر عن اندفاعه عملياً، حين لف ذراعه حول كتفها. ودعاها لتظل بقربه، وتعتمد عليه.

سارت إلى جانبه، ترشف اذناها كلامه العذب، وحكاياته النادرة

ونسيت كلام أمها، بل راحت الشكوك تساورها، وهي تتذكر بأن أمها خدعتها، وغرست في صدرها خوفاً لا مبرر له. كيف اخافتها وفي الغاية مثل هذا المخلوق، اللطيف حتى الانكسار، الدافئ الهمس، الرقيق اللمسات، والحاضر لحمايتها ورد الخطر عنها؟

كيف تجهل أمها هذه الأمور عنه؟

وقبل أن تبلغ ليلي دار جدتها كانت قد تعرفت الى رفيق الرحلة وارتاحت إليه. وأعلنت الثورة على امها، وعلى تعاليمها "العتيقة"، وارتمت في دائرة رسمها الذئب حولها، ثم أحاطها بالسياج الكثيف، ولم تعد تبصر من الوجود سواه، ولم يعد ينفذ إليها، من وجوه الناس، سوى وجهه، وقد راح ينطبع تدريجياً في سواد عينيها ويتحول في ذاتها الى رسول للخبر والحب والجمال. وضعت السلة بقربها. وقذفت باقة الزهور الى الأرض المستحقة برشق المطر. وتمددت فوق مقعد حجري، تريح جسدها من تعب المسير. وانتشر الضباب حولها، ثم لم تلبث ظلمة المساء ان حلت على الكون، وأوصدت الأبواب. وكان يفترض في الصغيرة، أن ترتعد خوفاً، أو تتألم من وخز الضمير، لانحرافها عن هدف الرحلة. لكن الذئب بقي بقربها. يملأ بحضوره كل فراغ. وتحطم وبينما كانت العاصفة تتابع ثورتها، فتجتاح الغابة والسهول، أغصان الشجر، كان الهدوء والطمأنينة والفرح وعناصر الأمن كلها تغمر ليلي، وتمحو، شيئاً فشيئاً، ما بقي عالقا في الذاكرة من وصايا امها مع بداية ذلك اليوم الجديد.

REFERÊNCIAS

COOKE, Miriam. *Women write war: The centring of the Beirut decentrists*. Papers on Lebanon, v. 6, 1987.

MEIHY, Murilo e OSMAN, SAMIRA. *Deus e o Diabo na Terra dos Cedros: o Líbano Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2024.

D'AFFLITTO, Isabella. *Letteratura araba contemporanea - dalla Nahdah a oggi*. Nuova edizione, Carocci, Roma 2010.

ČIŽMÍKOVÁ, Danusa. *Women's Writings on the Lebanese Civil War*. ZBORNÍK FILOZOFICKEJ FAKULTY UNIVERZITY KOMENSKÉHO ROČNÍK XXXIII – XXXIV GRAECOLATINA ET ORIENTALIA, BRATISLAVA, 2012.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>